

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia Laodicense - Número Quarenta e Quatro

Jeff Pippenger

2026-02-10

Número Quarenta e Quatro

Em 1844, a doutrina do sábado do sétimo dia foi desvelada e então lhe foi enfatizada quando a Irmã White olhou para dentro da arca da aliança. Ela também registrou que, nos últimos dias, a doutrina da encarnação possuía a mesma ênfase celestial. O sábado do sétimo dia representa a luz especial proveniente da arca quando o Dia da Expição antitípico teve início, e o sábado do sétimo ano representa a luz especial proveniente da arca quando o Dia da Expição antitípico chega à sua conclusão.

A doutrina da encarnação é tipificada na última santa convocação de Levítico vinte e três; esta última é o ômega em relação ao sábado do sétimo dia, que é a primeira santa convocação no início de Levítico vinte e três. Aquele primeiro sábado representa o poder criador de Deus e o último sábado representa o Seu poder recriador. Aquele primeiro sábado é representado pelo número "23" e o último pelo número "252".

Esses dois símbolos são os marcos de abertura e de encerramento de Levítico 23, e também servem de marcos de abertura e de encerramento para a história milenar. 1798 foi o cumprimento dos 2.520 anos contra o reino do Norte de Israel, e os 2.300 anos foram cumpridos em 22 de outubro de 1844. Quando a Irmã White foi conduzida ao santuário e contemplou os Dez Mandamentos, ela tipificava o povo de Deus dos últimos dias, que segue a Cristo ao Lugar Santíssimo, quando Ele está concluindo Sua obra de expiação. A prova do templo é a prova de seguir o Cordeiro aonde quer que Ele vá.

Estes são os que não se contaminaram com mulheres; pois são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Estes foram redimidos dentre os homens, sendo as primícias para Deus e para o Cordeiro. Apocalipse 14:4.

Irmã White, como profetisa, estava ilustrando os fiéis do princípio que, pela fé, entraram no Lugar Santíssimo e, ao fazê-lo, oferecia um exemplo dos fiéis do fim, que, pela fé, entram no Lugar Santíssimo e então olham para dentro da arca. O que veem ali iluminado é a doutrina da encarnação, a consumação da expiação. Veem os dois querubins cobridores, representando os dois Sábados da criação e da recriação. Veem o 252 de um lado da arca e o 23 do outro e reconhecem que, em harmonia com a criação e a recriação, o 23 representa o matrimônio da Divindade com a humanidade, e veem o 252 como o símbolo da transformação de um ser humano em um humano unido à Divindade.

O propiciatório não devia ser removido; portanto, o fato de a Irmã White contemplar o interior foi uma revelação especial, e, profeticamente, a ilustração se aplica mais aos últimos dias do que aos dias em que ela viveu. Contemplando, somos transformados. A prova do templo é Cristo

conduzindo o Seu povo virgem ao Seu templo, passo a passo. As verdades proféticas representam os passos ao longo do caminho que é iluminado pela mensagem do Clamor da Meia-Noite.

O templo milerita de quarenta e seis anos é um passo.

O templo humano de "23," (macho e fêmea, Ele os criou) é um passo.

O ato de Cristo erguer o Seu templo em três dias constitui um passo.

A casa do tesouro é o templo de Malaquias.

Neemias purificou o depósito da profanação de Tobias.

Foi naquele templo que o sumo sacerdote Hilquias descobriu os escritos de Moisés durante o avivamento do rei Josias.

O templo que Neemias purificou da profanação é o mesmo templo que Cristo purificou duas vezes de sua “profanação sacrílega”, conforme declara a Irmã White.

A caixa do sonho de Miller foi um passo.

Tendo Cristo conduzido os Seus fiéis ao Lugar Santíssimo, Ele os conduz, como representado pela Irmã White, até a arca, ergue o propiciatório e lhes permite olhar em seu interior. Ao olharem dentro, veem que tanto a doutrina da encarnação quanto o sábado do sétimo dia estão revestidos de uma suave auréola. Linha sobre linha, os que reconhecem as doutrinas que estão “revestidas de um suave resplendor” alinham-se com a Irmã White, entrando, pela fé, no Lugar Santíssimo e olhando dentro da arca.

Os profetas antigos profetizaram mais especificamente para os últimos dias do que para os dias em que viveram. Quando esses próprios profetas antigos se tornam parte do testemunho, eles representam o povo de Deus nos últimos dias, e, nos últimos dias, o povo de Deus é constituído pelos cento e quarenta e quatro mil. A Irmã White é talvez a mais importante profetisa antiga, pois todas as suas ilustrações representam a história alfa da história ômega dos cento e quarenta e quatro mil. Todos os profetas ilustram o remanescente, mas a Irmã White também representa uma história inicial que se cumpre na história final — ao pé da letra.

Na história fundacional alfa, a Irmã White, em visão, é levada ao Lugar Santíssimo do Santuário celestial. Uma vez ali, o propiciatório sobre a Arca da Aliança, um assento que não deveria ser removido, foi erguido para que a Irmã White pudesse contemplar o interior, onde viu os Dez Mandamentos.

No lugar santíssimo vi uma arca; no topo e nos lados dela havia ouro puríssimo. Em cada extremidade da arca havia um lindo querubim, com as asas estendidas sobre ela. Seus rostos estavam voltados um para o outro, e olhavam para baixo. Entre os anjos havia um incensário de ouro. Acima da arca, onde os anjos estavam, havia uma glória extremamente brilhante, que parecia um trono onde Deus habitava. Jesus estava junto à arca, e, à medida que as orações dos santos subiam até Ele, o incenso no incensário fumegava, e Ele apresentava suas orações com a fumaça do incenso a Seu Pai. Na arca estavam o vaso de ouro com o maná, a vara de Arão que

floresceu, e as tábuas de pedra, que se dobravam como um livro. Jesus as abriu, e vi os Dez Mandamentos escritos nelas com o dedo de Deus. Numa tábua havia quatro, e na outra, seis. Os quatro da primeira tábua brilhavam mais do que os outros seis. Mas o quarto, o mandamento do sábado, resplandecia acima de todos; pois o sábado foi separado para ser guardado em honra do santo nome de Deus. O santo sábado parecia glorioso — um halo de glória estava ao seu redor. Vi que o mandamento do sábado não foi pregado na cruz. Se o fosse, os outros nove mandamentos também o seriam; e estaríamos livres para transgredi-los a todos, assim como transgredir o quarto. Vi que Deus não havia mudado o sábado, pois Ele nunca muda. Mas o papa o havia mudado do sétimo para o primeiro dia da semana; pois ele haveria de mudar tempos e leis. Primeiros Escritos, 32.

A doutrina do sábado do sétimo dia foi a doutrina Alfa da história fundacional do movimento milerita, que começou como o movimento milerita filadelfiano, depois se transformou no movimento milerita laodiceano em 1856, e então na Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana em 1863. A Irmã White também identifica a doutrina Ômega na história dos últimos dias, quando o movimento laodiceano dos cento e quarenta e quatro mil se transforma no movimento filadelfiano dos cento e quarenta e quatro mil. As luzes Alfa e Ômega são representadas pela doutrina do sábado do sétimo dia e pela doutrina da encarnação.

"Os que comungam com Deus andam na luz do Sol da Justiça. Eles não desonram o seu Redentor corrompendo o seu caminho diante de Deus. A luz celestial brilha sobre eles. À medida que se aproximam do fim da história desta terra, seu conhecimento de Cristo e das profecias referentes a ele aumenta grandemente. Eles têm valor infinito aos olhos de Deus; pois estão em unidade com Seu Filho. Para eles, a palavra de Deus é de incomparável beleza e formosura. Eles veem sua importância. A verdade lhes é desvendada. A doutrina da encarnação é revestida de um suave resplendor. Eles veem que a Escritura é a chave que abre todos os mistérios e resolve todas as dificuldades. Os que têm se mostrado relutantes em receber a luz e andar na luz serão incapazes de compreender o mistério da piedade, mas os que não hesitaram em tomar a cruz e seguir a Jesus verão luz na luz de Deus." The Southern Watchman, 4 de abril de 1905.

A "doutrina da encarnação" também é chamada de "mistério da piedade".

E, sem dúvida, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, elevado à glória. 1 Timóteo 3:16.

O "mistério" permanece oculto até a última geração, quando os fiéis veem que a doutrina da encarnação é o ômega do Sábado do sétimo dia.

O mistério que esteve oculto desde os séculos e desde as gerações, mas que agora foi manifestado aos seus santos: aos quais Deus quis dar a conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios; o qual é Cristo em vós, a esperança da glória. Colossenses 1:26, 27.

Convém que seja Colossenses 1:26 que fale de um “mistério” que “tem estado oculto”, mas que esse mistério é “manifestado” nos últimos dias. A luz profética é tornada manifesta quando a profecia é desselada, como representado em Daniel doze, onde, ao fim de 1.260 dias, no tempo do fim, uma profecia é desselada. A profecia que tem estado oculta por gerações é desselada, e a profecia é a verdade que, quando desselada, é a “glória” que é dada a conhecer aos gentios por ocasião da lei dominical. Esse mistério é Cristo em vós, a esperança da glória, o que se cumpre nos dias do toque da sétima trombeta.

Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a soar, o mistério de Deus se cumprirá, como ele declarou aos seus servos, os profetas. Apocalipse 10:7.

É apropriado que a voz do sétimo anjo tenha começado a soar no décimo dia do sétimo mês, conforme representado em Apocalipse 10:7. O sétimo anjo também é representado como o terceiro ai, e os dois primeiros ais foram o Islã, fornecendo, assim, duas testemunhas de que o terceiro ai é o Islã. O mistério de Deus se consuma quando a trombeta do Islã está soando.

Na história da sétima trombeta, quanto à doutrina da encarnação — que é o mistério de Cristo em vós, isto é, a combinação da Divindade com a humanidade, tal como representada por Cristo quando Ele tomou sobre Si a carne humana —, os candidatos a figurarem entre os cento e quarenta e quatro mil serão postos à prova para se verificar se possuem o óleo e a fé necessários para entrar no Lugar Santíssimo. Se hesitarem, trevas cairão sobre eles; se seguirem o Cordeiro para onde quer que Ele vá, serão conduzidos a olhar para dentro da arca. Na arca, encontrarão as doutrinas do sábado do sétimo dia e a doutrina da encarnação.

Por mais significativas que sejam essas duas doutrinas, o meu enfoque não recai sobre as luzes alfa e ômega, mas sobre o fato de que a profetisa ilustrou o povo de Deus adentrando o santuário celestial e olhando para dentro da arca da aliança. Deve haver, na história dos cento e quarenta e quatro mil, durante os últimos dias, um ponto em que os cento e quarenta e quatro mil são conduzidos ao Lugar Santíssimo para contemplar a arca aberta.

Se você possui a fé para crer que os profetas ilustram o povo de Deus nos últimos dias, juntamente com a fé de que a Irmã White foi tão inspirada, em todos os aspectos, quanto qualquer outro profeta da Bíblia — então a aplicação que acabo de expor deve ser aceita como verdadeira. Os cento e quarenta e quatro mil devem seguir a Cristo, pela fé, ao Lugar Santíssimo, como diz a Irmã White que os fiéis fizeram em 22 de outubro de 1844. Manifestaram-se então duas classes: os que se recusaram a entrar pela fé e os que entraram.

Fui levado de volta à proclamação da primeira vinda de Cristo. João foi enviado no espírito e poder de Elias para preparar o caminho de Jesus. Os que rejeitaram o testemunho de João não foram beneficiados pelos ensinamentos de Jesus. Sua oposição à mensagem que anunciava Sua vinda colocou-os em uma condição em que não podiam prontamente receber as evidências mais fortes de que Ele era o Messias. Satanás levou aqueles que rejeitaram a mensagem de João a irem ainda mais longe, a rejeitar e crucificar Cristo. Ao fazerem isso, colocaram-se em uma posição em que não puderam receber a bênção no dia de Pentecostes, que lhes teria ensinado o caminho para o santuário celestial. O rasgar do véu do templo mostrou que os sacrifícios e

ordenanças judaicas já não seriam aceitos. O grande Sacrifício fora oferecido e fora aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia de Pentecostes, levou as mentes dos discípulos do santuário terrestre ao celestial, onde Jesus entrara com Seu próprio sangue, para derramar sobre Seus discípulos os benefícios de Sua expiação. Mas os judeus ficaram em completa escuridão. Perderam toda a luz que poderiam ter tido acerca do plano da salvação e ainda confiavam em seus sacrifícios e ofertas inúteis. O santuário celestial tomara o lugar do terrestre, no entanto não tinham conhecimento da mudança. Portanto, não puderam ser beneficiados pela mediação de Cristo no lugar santo.

"Muitos olham com horror para a conduta dos judeus ao rejeitar e crucificar Cristo; e, ao lerem a história de Seus vergonhosos maus-tratos, pensam que O amam e que não O teriam negado como Pedro, nem O teriam crucificado como os judeus. Mas Deus, que lê os corações de todos, pôs à prova esse amor por Jesus que professavam sentir. Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a recepção da primeira mensagem angélica. Mas muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizaram as boas novas de Sua vinda. Em vez de receberem a mensagem com alegria, declararam-na um engano. Odiam os que amavam a Sua aparição e os excluíram das igrejas. Os que rejeitaram a primeira mensagem não puderam ser beneficiados pela segunda; tampouco foram beneficiados pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrar com Jesus, pela fé, no lugar santíssimo do santuário celestial. E, rejeitando as duas mensagens anteriores, tanto obscureceram o entendimento que não veem luz alguma na terceira mensagem angélica, que mostra o caminho para o lugar santíssimo. Vi que, assim como os judeus crucificaram a Jesus, assim também as igrejas nominais crucificaram essas mensagens; e, por isso, não têm conhecimento do caminho para o lugar santíssimo, e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali. Como os judeus, que ofereciam seus sacrifícios inúteis, eles oferecem suas orações inúteis ao aposento que Jesus deixou; e Satanás, satisfeito com o engano, assume um caráter religioso e conduz as mentes desses professos cristãos a si mesmo, operando com seu poder, seus sinais e prodígios de mentira, para prendê-los em seu laço." Primeiros Escritos, 259-261.

A Irmã White identifica o processo progressivo de provas na história de João Batista e de Cristo, que terminou com os judeus em trevas totais, a fim de ilustrar a mesma história no tempo dos Mileritas, que é a história alfa da Irmã White, a antiga profetisa dos últimos dias. A prova de vida ou morte, no princípio, versava sobre entrar no Lugar Santíssimo ou recusar fazê-lo. Recusar-se a fazê-lo produziu as mesmas trevas sobre os rebeldes da história milerita que se haviam abatido sobre os judeus rebeldes na história de Cristo.

Jesus sempre ilustra o fim de algo pelo princípio desse mesmo algo; assim, quando a Irmã White foi levada ao Lugar Santíssimo e contemplou a arca aberta, em conexão com a prova de 22 de outubro de 1844, isso indica que os cento e quarenta e quatro mil serão provados quanto a seguir o Cordeiro ao Lugar Santíssimo ou a entrarem em trevas perfeitas e eternas. Este fato se fundamenta numa fé que compreende que os antigos profetas ilustram o povo de Deus dos últimos dias quando eles próprios se tornam parte do testemunho registrado. A Irmã White ilustra ambas as classes.

Enquanto estava nesse estado de desalento, tive um sonho que me causou uma profunda impressão. Sonhei que via um templo para o qual muitas pessoas acorriam. Somente os que se refugiavam naquele templo seriam salvos quando o tempo se encerrasse. Todos os que permanecessem do lado de fora estariam perdidos para sempre. As multidões lá fora, que iam por seus diversos caminhos, zombavam e ridicularizavam os que estavam entrando no templo, e lhes diziam que esse plano de proteção era um ardiloso engano, que, na verdade, não havia perigo algum a evitar. Chegaram até a agarrar alguns para impedi-los de se apressarem para dentro das muralhas.

Temendo o ridículo, achei melhor esperar até que a multidão se dispersasse, ou até que eu pudesse entrar sem ser percebido. Mas, em vez de diminuir, o número de pessoas aumentava e, com receio de chegar tarde demais, saí apressadamente de casa e abri caminho pela multidão. Na minha ansiedade em chegar ao templo, não percebi nem me importei com a multidão que me cercava. Ao entrar no edifício, vi que o vasto templo era sustentado por um único pilar imenso, e a ele estava amarrado um cordeiro todo dilacerado e sangrando. Nós, os que estávamos presentes, parecíamos saber que esse cordeiro fora rasgado e machucado por nossa causa. Todos os que entravam no templo deviam vir diante dele e confessar os seus pecados.

Logo diante do cordeiro havia assentos elevados, sobre os quais se sentava um grupo que parecia muito feliz. A luz do céu parecia brilhar sobre seus rostos, e louvavam a Deus e cantavam cânticos de jubilosa ação de graças que soavam como a música dos anjos. Eram aqueles que haviam vindo diante do cordeiro, confessado seus pecados, recebido perdão e agora aguardavam, com alegre expectativa, algum acontecimento jubiloso.

Mesmo depois de eu ter entrado no edifício, sobreveio-me um temor e um sentimento de vergonha, por ter de me humilhar diante dessas pessoas. Mas parecia-me que estava compelido a avançar, e lentamente contornava a coluna para encarar o cordeiro, quando uma trombeta soou, o templo tremeu, ergueram-se brados de triunfo dos santos reunidos, um terrível resplendor iluminou o edifício; então, tudo se fez escuridão intensa. As pessoas felizes tinham todas desaparecido com o resplendor, e eu fiquei sozinho no silencioso horror da noite. Despertei em agonia de espírito e mal podia convencer-me de que havia sonhado. Parecia-me que meu destino estava selado, que o Espírito do Senhor me havia deixado, para nunca mais voltar.

"Logo depois disto tive outro sonho. Parecia-me que eu me achava em profundo desespero, com o rosto entre as mãos, refletindo assim: Se Jesus estivesse na terra, eu iria até Ele, lançar-me-ia a Seus pés e Lhe contaria todos os meus sofrimentos. Ele não Se desviaria de mim, teria misericórdia de mim, e eu O amaria e O serviria sempre. Nesse instante, abriu-se a porta, e entrou uma pessoa de bela forma e semblante. Olhou-me com piedade e disse: 'Desejas ver Jesus? Ele está aqui, e podes vê-Lo, se o desejares. Toma tudo quanto possuis e segue-me.'"

Ouvi isso com indizível alegria e, de bom grado, recolhi todos os meus parcos haveres, cada pequeno adorno estimado, e segui o meu guia. Conduziu-me a uma escadaria íngreme e aparentemente frágil. Quando comecei a subir os degraus, advertiu-me que mantivesse os olhos fixos para o alto, para que não viesse a sentir vertigem e cair. Muitos outros que

galgavam a escadaria íngreme caíram antes de alcançar o cimo.

Por fim, chegamos ao último degrau e detivemo-nos diante de uma porta. Aqui, o meu guia ordenou-me que deixasse todas as coisas que trouxera comigo. De bom grado as depus; então abriu a porta e mandou-me entrar. Num instante, achei-me diante de Jesus. Não havia como confundir aquele belo semblante. Aquela expressão de benevolência e majestade não poderia pertencer a nenhum outro. Quando Seu olhar pousou sobre mim, soube de imediato que Ele conhecia cada circunstância da minha vida e todos os meus pensamentos e sentimentos interiores.

Procurei escudar-me de Seu olhar, sentindo-me incapaz de suportar Seus olhos perscrutadores, mas Ele aproximou-Se com um sorriso e, pousando Sua mão sobre minha cabeça, disse: “Não temas.” O som de Sua doce voz fez vibrar meu coração com uma felicidade que jamais experimentara. Eu estava demasiado exultante para proferir uma palavra e, vencido pela emoção, caí prostrado a Seus pés. Enquanto ali jazia indefeso, cenas de beleza e glória passaram diante de mim, e pareceu-me haver alcançado a segurança e a paz do céu. Por fim, minhas forças retornaram, e levantei-me. Os olhos amorosos de Jesus ainda repousavam sobre mim, e Seu sorriso encheu minha alma de júbilo. Sua presença enchia-me de santa reverência e de um amor inexprimível.

Meu guia então abriu a porta, e ambos saímos. Ordenou-me que recolhesse novamente todas as coisas que eu havia deixado do lado de fora. Feito isso, entregou-me um cordão verde, bem enrolado. Indicou-me que o colocasse junto ao meu coração e, quando desejasse ver Jesus, o retirasse do seio e o estendesse ao máximo. Advertiu-me que não o deixasse permanecer enrolado por qualquer período de tempo, para que não viesse a dar nós e se tornasse difícil de endireitar. Coloquei o cordão junto ao meu coração e desci alegremente as escadas estreitas, louvando ao Senhor e dizendo a todos quantos encontrava onde podiam encontrar Jesus. Este sonho deu-me esperança. O cordão verde representava à minha mente a fé, e a beleza e a simplicidade de confiar em Deus começaram a despontar em minha alma. Testemunhos, volume 1, 27-29.

Do término da assembleia campal de Exeter, em 17 de agosto, até 22 de outubro de 1844, foram sessenta e seis dias. Esses sessenta e seis dias representam o período da proclamação do Clamor da Meia-Noite e, no contexto da parábola das dez virgens, os que então proclamaram a mensagem representam os que tinham azeite, e os que então não proclamaram a mensagem não tinham azeite.

Na parábola, o matrimônio ocorreu no início do tempo de tardança. Realizou-se o matrimônio legal e então todos voltaram para casa e aguardaram até que o pai do noivo decidisse se era aceitável consumir o matrimônio. A infidelidade entre o primeiro matrimônio e a segunda cerimônia à meia-noite era considerada adultério. O tempo de tardança baseava-se no fato de o pai do noivo aguardar para ver o que acontecia com a noiva ao longo de um período de tempo. Estaria ela grávida?

Quando o pai decidia que tudo estava em ordem, dava-se início à procissão da meia-noite, a qual se realizava à noite para evitar o calor opressivo do dia na Palestina. Por essa razão, as acompanhantes da noiva, as virgens da parábola, deviam ter a sua própria lâmpada e uma reserva

de azeite, aguardando o clamor da meia-noite que anunciava que a procissão para as núpcias estava em curso, pois haveria de ocorrer à noite. Em Exeter, o clamor da meia-noite chegou, e ou se tinha azeite suficiente pronto para a procissão, ou não se tinha.

Quando saíram de Exeter com a mensagem, estavam ilustrando um povo que estava selado. Alguns tinham azeite suficiente para entrar nas bodas em 22 de outubro de 1844, e outros não. Aqueles sessenta e seis dias representam um período em que o povo de Deus é selado até a porta fechada da lei dominical. Se tinham a quantidade adequada de azeite, entravam pela fé no Lugar Santíssimo. A Irmã White ilustrou o povo de Deus entrando no Lugar Santíssimo nos últimos dias e, em sua história alfa, entrar pela fé no Lugar Santíssimo constituía uma prova de vida ou morte. Nos últimos dias, os cento e quarenta e quatro mil serão provados quanto a saber se entrarão pela fé no Lugar Santíssimo. É, mais uma vez, uma prova de vida ou morte.

Daremos continuidade a esses tópicos no próximo artigo.

Na purificação do templo, Jesus estava anunciando Sua missão como o Messias e dando início à Sua obra. Aquele templo, erigido para a morada da Presença divina, fora destinado a ser um exemplo didático para Israel e para o mundo. Desde as eras eternas, era propósito de Deus que todo ser criado, do serafim resplandecente e santo até o homem, fosse um templo para a habitação do Criador. Por causa do pecado, a humanidade deixou de ser templo para Deus. Ennegrecido e maculado pelo mal, o coração do homem já não revelava a glória do Ser Divino. Mas, pela encarnação do Filho de Deus, cumpre-se o propósito do Céu. Deus habita na humanidade e, mediante a graça salvífica, o coração do homem torna-se novamente Seu templo. Deus havia determinado que o templo de Jerusalém fosse um testemunho contínuo do alto destino aberto a cada alma. Mas os judeus não haviam compreendido o significado do edifício de que tanto se orgulhavam. Não se entregaram como templos santos ao Espírito Divino. Os átrios do templo de Jerusalém, cheios do tumulto de um comércio profano, representavam, com demasiada fidelidade, o templo do coração, contaminado pela presença da paixão sensual e de pensamentos ímpios.

Ao purificar o templo dos compradores e vendedores deste mundo, Jesus anunciou Sua missão de purificar o coração da impureza do pecado — dos desejos terrenos, das paixões egoístas, dos maus hábitos que corrompem a alma. Malaquias 3:1-3 citado. O Desejo das Eras, 161.

“O profeta diz: ‘Vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios’ (Apocalipse 18:1, 2). Esta é a mesma mensagem que foi dada pelo segundo anjo. Babilônia caiu, ‘porque deu a beber a todas as nações do vinho da ira da sua prostituição’ (Apocalipse 14:8). Que vinho é esse?—Suas falsas doutrinas. Ela deu ao mundo um falso sábado em lugar do sábado do quarto mandamento, e repetiu a falsidade que Satanás primeiro disse a Eva no Éden—a imortalidade natural da alma. Muitos erros afins ela tem espalhado por toda parte, ‘ensinando como doutrinas mandamentos de homens’ (Mateus 15:9).”

“Quando Jesus iniciou Seu ministério público, purificou o Templo de sua profanação sacrílega. Entre os últimos atos de Seu ministério esteve a segunda purificação do Templo. Assim, na

obra final de advertência ao mundo, fazem-se dois chamados distintos às igrejas. A mensagem do segundo anjo é: ‘Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, porque a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição’ (Apocalipse 14:8). E, no alto clamor da mensagem do terceiro anjo, ouve-se uma voz do céu, dizendo: ‘Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou das iniquidades dela’ (Apocalipse 18:4, 5).” Mensagens Escolhidas, livro 2, 118.